

Literatura, Cinema e Complexidade

Profa. Dra. Cleide R. S. de Almeida¹

Resumo: Este artigo apresenta e analisa três produções literárias transpostas para o cinema, a saber: *Ensaio sobre a cegueira*, *Auto da Compadecida* e *Os Miseráveis*, relacionando-as aos saberes relativos às cegueiras do conhecimento, ao ensino da condição humana, ao ensino da compreensão e à ética do gênero humano, desenvolvidos por Edgar Morin na obra *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. Objetiva aproximar e relacionar os filmes, a literatura e o dia a dia vivenciado na escola; bem como a reflexão da complexidade intrínseca às relações interpessoais entre alunos, professores e equipe profissional. Busca, além da sensibilização para a temática, a construção de novas possibilidades de leitura da realidade escolar e educacional que contribuam para uma convivência baseada em uma compreensão complexa.

Palavras-Chave: sete saberes – literatura – complexidade – educação.

Abstract: This article presents and analyses three literary productions adapted for films, *Blindness*, *Auto da Compadecida* (*A Dog's Will*) and *The Miserable Ones*, connecting them to the knowledges related to the blindness of knowledge, to the teaching of the human condition and to the ethics of mankind developed by Edgar Morin in his work *Seven Complex Lessons in Education for the Future*. The purpose of the article is to approximate and to relate the films, literature and the daily life experienced at school as well as to reflect upon the complexity which is intrinsic to the interpersonal relations between pupils, teachers and the professional team. It seeks to sensitize the reader to the thematic subject matter and to construct new possibilities for the interpretation of scholastic and educational reality which contribute to a way of living together based upon a complex comprehension.

Key-words: seven knowledges – literature – complexity – education.

A mulher do médico disse ao marido, O mundo
está todo aqui dentro.
José Saramago

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.
Livro dos Conselhos

Pelo romance e pelo livro, cheguei ao mundo.
Edgar Morin

Os Sete Saberes constituem-se como uma força de interrogação e de reflexão para os problemas que enfrentamos em nosso cotidiano nos vários graus de ensino. Os eixos que constituem os sete saberes são: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; Os princípios do conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a identidade terrena; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão; e A ética do gênero humano. A educação da forma como é proposta pela obra é mais ampla que o ensino voltado para os aspectos instrucionais e cognitivos, constituindo-se numa estratégia de formação que articula a cultura humanística e a cultura científica. Os processos instrucionais abafam a curiosidade e não tem sido estimuladores da reflexão. Muitas vezes conteúdos homogeneizadores e programáticos apresentam uma informação que não leva à compreensão.

A compreensão, estimulada a partir dos Sete Saberes, permite estabelecer, com os fatos e problemas em estudo, uma série de interconexões, relacionando-os com a contextualização e com a globalidade em que se inserem. Isto leva a uma dinâmica

¹ Pós-doutorada pelo Centro de Estudos Transdisciplinares Sociologia, Antropologia e História – CETSAH, atual Centro Edgar Morin, unidade da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais – EHESS (Paris, França) associada ao Centro Nacional de Pesquisa Científica CNRS. Doutora em Educação pela FEUSP e Mestre em Educação pela PUC/SP. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, atuando no Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade (NIIC).

parte/todo e todo/parte e suas repercussões, ou também podemos dizer a relação unidade/diversidade e diversidade/unidade, abrindo-se para o contexto planetário.

A articulação desses elementos é um desafio instigante e uma tarefa de construção para todos os níveis de ensino com o objetivo de educar para o futuro, para o presente e também para uma cabeça bem-feita. No âmbito deste trabalho procuramos uma reflexão a partir de quatro saberes referentes às cegueiras do conhecimento, ao ensino da condição humana, ao ensino da compreensão e à ética do gênero humano, relacionando-os com o conjunto dos Sete Saberes e, em especial, com três filmes, frutos de obras literárias, sendo uma nacional, a outra um clássico da literatura e também a obra de um prêmio Nobel, visando à compreensão das relações existentes entre os problemas e ao enfrentamento da fragmentação.

A ideia de apresentar e analisar os quatro saberes presentes no nosso cotidiano e na cultura escolar é para estimular a relação existente entre os filmes, a literatura e o dia-a-dia vivenciado na escola; refletir sobre a complexidade das relações interpessoais entre alunos, professores e equipe profissional e propor um olhar que desenvolva leituras plurais. Os Sete Saberes serão empregados como porta de entrada privilegiada do pensamento de E. Morin. O cinema e a literatura que o tornaram um onívoro cultural, serão os coadjuvantes que servirão de meio para a expressão das várias dimensões da vivência humana, da subjetividade e das ações dos homens na sociedade e no mundo.

Sensibilizar pela literatura e pelo cinema, permite articular o prosaico e o poético, possibilitando a revisão de nossa postura como *máquinas triviais* que reproduzem relações burocratizadas, tanto no âmbito pessoal como institucional. A literatura e o cinema são importantes porque tratam de vários aspectos da condição humana

Sinto cada vez mais que somente um grande romance consegue exprimir as múltiplas dimensões da experiência humana, as vidas subjetivas interiores, os comportamentos numa sociedade, numa história, num mundo, enquanto expõe, seja pela boca dos personagens, seja sob a pena do autor, ou até mesmo implicitamente, os problemas da existência humana. (Morin, 2000 a, p.22)

Espera-se assim, contribuir com o estudo dos processos e disposições psíquicas e culturais que conduzem ao erro e à ilusão ao analisar as relações intersubjetivas, abrindo-se para a disponibilidade de acolhimento e a aceitação do outro. Procura constituir-se como um desafio de conhecimento, atitudes e mentalidades que caminhem em direção a uma reforma do pensamento e dos hábitos engessados.

Os filmes abarcam momentos, situações e contextos diversos ao mesmo tempo em que têm denominadores comuns, que contemplam a complexidade humana e revelam o *imprinting cultural* e a (in)compreensão que nos constitui. Tratam das incertezas a que estamos submetidos e reforçam a *ecologia da ação*, apostando em melhorias possíveis, desde que considerando a unidade presente na multiplicidade e a multiplicidade presente na unidade.

O filme *Ensaio sobre a cegueira* será abordado em sua concepção global e nos outros dois serão apresentadas e discutidas cenas específicas. Estas situações fílmicas servem como provocação para o entendimento da complexidade humana presente na escola que não vive só de acertos e consensos, mas cotidianamente convive com conflitos, desvios rupturas e contradições. Levantar a discussão sobre a necessidade de uma compreensão nas relações entre aluno-aluno, professor-aluno e aluno-funcionário para superarmos as ideias de castigo e vingança, muito próximas ao olho por olho, dente por dente preconizado pela lei de Talião.

Ensaio sobre a cegueira traz uma história sobre a humanidade em meio à epidemia de uma misteriosa cegueira. Começa com um homem que perde a visão de um instante para o outro, entre as trocas de um semáforo, enquanto dirige de casa para o trabalho e que mergulha em uma espécie de névoa leitosa assustadora. Uma a uma, cada pessoa com quem ele encontra - sua esposa, seu médico, até mesmo o aparentemente bom samaritano que lhe oferece carona para casa terá o mesmo destino. À medida que a doença se espalha, o pânico e a paranóia contagiam a cidade. As novas vítimas da "cegueira branca" são cercadas e colocadas em quarentena num manicômio. Dentro do hospital isolado, no entanto, há uma testemunha ocular secreta: uma mulher que não foi contagiada, mas finge estar cega para ficar ao lado de seu marido. Ela será a líder de uma improvisada família de sete pessoas que sai em uma jornada, atravessando o horror e o amor, a depravação e a incerteza, com o objetivo de fugir do hospital e seguir pela cidade devastada, onde eles buscam uma esperança.

Um primeiro aspecto que vale ressaltar na obra é a ausência de uma referência de lugar e de tempo. Ao não se constituir em nenhum lugar e tempo específico, podemos fazer aproximações para qualquer tempo e lugar. O não-lugar torna-se então, o tempo e o lugar onde a cegueira está ocorrendo naquele momento que é quando assume densidade histórica e temporal. No nosso entender, a cegueira branca retratada no livro e no filme pode ser interpretada como um momento de crise. Uma cegueira que podemos viver em nossas vidas, em nossa sociedade, em nossas escolas e em relação ao conhecimento em qualquer grau de ensino. E parece que a cegueira precisa acontecer para provocar a possibilidade de ver. Isso nos é sugerido pela epígrafe do livro que soa como um alerta: "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara." Nesta frase fica estabelecida uma espécie de três estágios: o olhar, o ver e o reparar. O olhar seria aqui considerado como a capacidade de enxergar, estar apto para a visão. O ver constituir-se-ia numa percepção aprofundada da visão como reforça o poeta Fernando Pessoa ao dizer que: "Não é bastante não ser cego/ Para ver as árvores e as flores" (Pessoa, 1998, p.237). Já o reparar carrega um duplo sentido, podendo constituir-se tanto num terceiro estágio em que se vê com uma profundidade maior ainda, como pode ser interpretado no sentido de fazer reparo, conserto ou restauração àquilo que se vê.

E o que o leitor do livro ou espectador do filme vê? Vê que a epidemia de cegueira que se alastrou levou as pessoas a um processo violento de desumanização, desencadeando uma verdadeira barbárie. Assistimos a vários conflitos e confrontos, o total esgarçamento ético na convivência, a degradação do poder, competição e exploração. Esta situação que nos provoca uma reflexão sobre alteridade e solidariedade nos remete a Ardoino (2005, p. 553) quando coloca que:

A experiência mais extrema, às vezes a mais cruel, mas provavelmente também a mais enriquecedora que podemos ter da heterogeneidade é a que nos é imposta através do encontro com o outro, enquanto limite de nosso desejo, de nosso poder e de nossa ambição de domínio (na primeira acepção do termo).

O outro ou outros, a alteridade expressa nessa relação, quando transportada para a escola não deve ser pensada apenas enquanto outras pessoas que fazem parte da nossa convivência, quer sejam os alunos, os funcionários ou os docentes. Deve ser ampliada também como alteridade pedagógica e epistemológica no sentido de diálogo com outros textos como a música, o filme, a história em quadrinho e outros campos de conhecimento. Trabalhamos lado a lado, muitas vezes sem nenhuma interação, e sem curiosidade sobre a importância do trabalho do colega. Restritos ao nosso espaço e domínio, ficamos cegos para o outro. Será que o professor de cálculo consegue explicar aos seus alunos a importância da literatura? E o de física falar da importância da língua portuguesa? Sem comunicação interpessoal, intersubjetiva e inter e

transdisciplinar construímos um ambiente sem solidariedade e fértil para o erro e a ilusão. “Não se joga o jogo da verdade e do erro somente na verificação empírica e na coerência lógica das teorias. Joga-se também, profundamente, na zona invisível dos paradigmas.” (Morin, 2000, p.24).

Como a obra suscita a reflexão sobre a alteridade, vale observar que a turbulência vivida entre os sujeitos está confinada nos limites do manicômio para onde foram encaminhados ou despejados. Estão destituídos de sua privacidade, de seu cotidiano, do espaço urbano, enfim de suas vidas. Aproximam-se, de certa maneira, dos prisioneiros da caverna de Platão que se encontram amarrados e vêem somente sombras da realidade. Tanto os habitantes da caverna como os habitantes do manicômio precisam se desprender de seus grilhões para poderem ver a verdadeira realidade. Em ambas as situações o processo de libertação está ligado ao ver: o ver a si mesmo, ver os outros e a realidade que os cerca, isto é, ao processo de conhecimento.

É importante ressaltar que as cegueiras do conhecimento é o tema de abertura do livro de Morin sobre os sete saberes considerados necessários para a educação. A primeira ideia do capítulo inicial é que: “Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão”. E logo adiante ele complementa:

O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. (Morin, 2000, p. 20, grifo nosso).

Como nossas escolas e universidades estão tratando o conhecimento? Será que nossos estudantes estão conseguindo ver e reparar, ou será que vêem as sombras da realidade? Estamos semeando leituras plurais da realidade? Leituras emancipatórias? Vale lembrar um trecho do livro que possa provocar nossa visão:

[...] o mal é não estarmos organizados, devia haver uma organização em cada prédio, em cada rua, em cada bairro, Um governo, disse a mulher, Uma organização, o corpo também é um sistema de organização, está vivo enquanto se mantém organizado, e a morte não é mais do que o efeito de uma desorganização, E como poderá uma sociedade de cegos organizar-se para que viva, Organizando-se, organizar-se já é, de uma certa maneira, começar a ter olhos. (Saramago, 1995, p.281-2, grifo nosso).

Sobre este filme cabe também destacar um trecho de uma entrevista do escritor José Saramago quando esteve na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1997, para participar do encontro Literatura & História:

No Ensaio sobre a cegueira o senhor mantém uma saída nos olhos de uma mulher. [...] A partir dessas escolhas que fez no livro, como o senhor vê o futuro da humanidade?

Eu não posso dar esta resposta. A resposta só pode ser dada pelas mulheres. Acho que não podemos cair na simplificação de dizer que os homens fizeram tudo mal e as mulheres, pobrezinhas são uns anjos. Mas está claríssimo que o poder foi e ainda é essencialmente masculino. Há três sexos: o masculino, o feminino e o do poder. A questão está em saber se quando as mulheres conquistam o poder vão exercê-lo como mulheres que são, ou

segundo este tal de terceiro sexo. O que se viu até hoje é que , quando lá chegam, não se tornam homens. Tornam-se poder. Portanto, tornam-se iguais aos homens. [...] No caso do *Ensaio sobre a cegueira* ainda é esta minha esperança: a de que a mulher seja capaz de tomar um lugar novo no mundo, de inventar um modo novo de ser e de viver. (Carvalho, 1999, p. 56-57)

As duas obras seguintes não serão tratadas em seus aspectos globais como a anterior, mas considerando os saberes que estão aqui em discussão, tomaremos para análise duas cenas específicas, sendo uma de cada obra, mas ambas com o mesmo denominador comum como veremos. Assim, apresentaremos a seguir uma síntese e a indicação das cenas.

A história de *O Auto da Compadecida* se passa no vilarejo de Taperoá, sertão da Paraíba, onde o esperto João Grilo e seu companheiro Chicó, dois nordestinos sem eira nem beira, andam pelas ruas anunciando A Paixão de Cristo, “o filme mais arretado do mundo”. A sessão é um sucesso, eles conseguem alguns trocados, mas a luta pela sobrevivência continua. João Grilo e Chicó preparam inúmeros planos para conseguir um pouco de dinheiro. Novos desafios vão surgindo, provocando mais confusões armadas pela esperteza de João Grilo, sempre em parceria com Chicó, mas a chegada da bela Rosinha, filha de Antonio Moraes, desperta a paixão de Chicó, e ciúmes do cabo Setenta. Os planos da dupla, que envolvem o casamento entre Chicó e Rosinha e a posse de uma porca de barro recheada de dinheiro, são interrompidos pela chegada do cangaceiro Severino e a morte de João Grilo. Todos os mortos reencontram-se no Juízo Final, onde serão julgados no Tribunal das Almas por um Jesus negro e pelo diabo. O destino de cada um deles será decidido pela aparição de Nossa Senhora, a Compadecida.

Os Miseráveis: no tribunal de Faverolles, França, Jean Valjean é condenado a passar 10 anos nas galés, por roubar comida. Após cumprir a pena é posto em liberdade condicional, sendo que se não se apresentar regularmente descumprirá os termos da condicional e ficará preso por toda a vida. Logo Valjean se sente marginalizado por todos que encontra, pois carrega o "passaporte amarelo" que o identifica como um ex-presidiário. Valjean só é ajudado pelo bispo Bienvenu, mas em vez de se mostrar grato ele rouba toda a prataria do bispo. Logo é preso, pois as peças de prata tinham o brasão do bispo. Quando Valjean é levado pelos soldados até a presença de Bienvenu, este diz que deu a prataria para Valjean e ainda diz que ele esqueceu de levar os castiçais. Esta demonstração de bondade faz Valjean voltar a crer nas pessoas. Após alguns anos, Valjean torna-se um próspero empresário, o prefeito da cidade e um homem respeitado pela sua bondade, chegando até mesmo a adotar Cosette. Ele é realmente um pai, em parte para se redimir de ter se expressado mal e ter deixado Fantine, a mãe de Cosette, ter sido despedida da sua fábrica, que ficou em razão disto com a saúde muito abalada e ter perdido por anos a guarda da filha. Um dia Valjean vê um aldeão preso embaixo de uma carroça pesada, e com uma força que parece ser sobre-humana, a levanta usando suas costas, o que permite que o homem seja salvo. O chefe de polícia do local, Javert, que cumpre a lei ao pé da letra sem a menor clemência, assiste este feito, que o faz lembrar de um prisioneiro de galé que ele encontrou uma vez. Ele investiga o passado do prefeito e o identifica como Jean Valjean, um criminoso procurado, pois nunca se apresentou para cumprir os termos da condicional. Porém fica confuso quando um prisioneiro retardado que será julgado afirma ser Jean Valjean. Quando o julgamento estava em andamento alguns prisioneiros afirmam que ele é Valjean, mas o verdadeiro Jean Valjean, que estava no tribunal, diz que o acusado é inocente, pois ele é Jean. Isto fará Javert iniciar uma caçada sem tréguas para prender Valjean, pois a lei tem de ser cumprida.

Em *Os Miseráveis* será destacada a cena inicial quando Valjean é levado pelos soldados até a presença do bispo, sendo acusado do roubo da prataria. O bispo, entretanto não afirma que ele cometeu o delito e ainda diz, para espanto do acusado, que ele esqueceu de levar os castiçais. Em *O Auto da Compadecida* destacaremos a cena do juízo final. Nas duas cenas há um pré julgamento que condena os envolvidos e uma atitude de compreensão.

Em *O Auto da Compadecida*, os personagens principais, depois de mortos pelos cangaceiros se encontram num lugar onde será decidido aonde eles serão levados: céu ou inferno. O diabo é muito forte e enfático, apontando todos os erros cometidos por cada um, mas João Grilo também de forma veemente, implora a ajuda de Nossa Senhora, que para conseguir o perdão para os julgados, contextualiza as ações executadas por cada um deles, relembando momentos de suas vidas que criaram condições de possibilidade de eles serem o que são.

A complexidade das ações e do comportamento humano solicita de cada um de nós um esforço de compreensão intersubjetiva. Não basta explicar racionalmente os conhecimentos e as pessoas, pois esta atitude não será suficiente para estabelecer uma compreensão. Tanto o bispo, no caso de Valjean, como Nossa Senhora evitaram a condenação *a priori*, procurando compreender as motivações e sentimentos do outro e não o reduzindo somente ao aspecto do erro. A vida imaginária proposta pela literatura e pelo cinema suscita uma possibilidade de compreensão maior na medida em que temos acesso a todo drama vivido pelos personagens. “A compreensão humana comporta não somente a compreensão da complexidade do ser humano, mas também a compreensão das condições em que são forjadas as mentalidades e praticadas as ações.” (Morin, 2005, p. 115). Ao entendermos o contexto somos capazes de simpatizar com o vagabundo criado por Charles Chaplin. Assim, este artigo procura levantar algumas ideias para o debate e também com a esperança de que possam servir na prática escolar para um trabalho desenvolvido com alunos, professores e equipe escolar.

Referências

ARDOINO, J. A complexidade. in Jornadas temáticas (1998: Paris, França:1998). A religação dos saberes: o desafio do século XXI/ idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARVALHAL, T. F. (Org.) Saramago na Universidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

_____. Meus Demônios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000 a.

_____. O método 6: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PESSOA, F. Ficções do interlúdio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARAMAGO, J. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<http://globofilmes.globo.com/GloboFilmes/Site/0,,GFF41-5402,00-O+AUTO+DA+COMPADECIDA.html>

<http://www.ensaiosobreacegueirafilme.com.br/main.php>

<http://www.adorocinema.com/filmes/miseraveis/>

Recebido em 08-09-10. Aprovado em 04-10-10